

Quando Shlemiel foi para Varsóvia

Um conto de Isaac Bashevis Singer

Ainda que Shlemiel¹ fosse um preguiçoso que odiava mexer-se e um “fraco da bola”, sempre sonhava em fazer uma viagem. Ele ouviu muitas histórias sobre países longínquos, imensos desertos, oceanos profundos e altas montanhas, e frequentemente discutia com a sra. Shlemiel seu grande desejo de realizar uma longa viagem. A sra. Shlemiel replicava: “Longas jornadas não são para você, Shlemiel. Melhor você ficar em casa cuidando das crianças enquanto eu vou ao mercado para vender minhas verduras”. Mas, Shlemiel não conseguia abandonar seu sonho de ver o mundo e as suas maravilhas.

Recentemente, um visitante em Chelm contou para Shlemiel muitas coisas acerca da cidade de Varsóvia. Como eram lindas as ruas, quão altos eram os prédios e luxuosas as lojas. Shlemiel decidiu que, definitivamente, ele teria que ir ver a grande cidade.

Bem, ele sabia que teria que se preparar para a jornada. Mas o que deveria levar? Ele não tinha nada mais do que a roupa do corpo que estava usando. Então, uma manhã, depois que a sra. Shlemiel foi ao mercado, ele disse ao filho mais velho para ficar em casa depois do *cheder*² e que cuidasse dos filhos mais novos. Ele pegou algumas fatias de broa, uma cebola e um dente de alho, fez uma trouxa bem amarrada e seguiu para Varsóvia a pé.

Havia uma rua em Chelm chamada Rua Varsóvia e Shlemiel considerou que ela iria até Varsóvia. Enquanto ainda estava na cidadezinha, ele foi abordado por diversos vizinhos que lhe perguntavam para onde estava indo. Shlemiel contou a eles que estava indo a caminho de Varsóvia. “O que você vai fazer em Varsóvia?” Perguntaram. Shlemiel respondia: “E o que eu faço em Chelm? Nada”.

Logo ele alcançou os arredores da cidade. Caminhava devagar porque as solas de suas botas estavam gastas. Então, as casas e as lojas deram lugar aos pastos e campos. Ele ultrapassou um caminhante que guiava uma manada de bois. Após algumas horas de caminhada, Shlemiel ficou cansado. Ele estava tão cansado que nem estava com fome. Deitou na grama perto da rodovia para uma cochilada, mas antes de adormecer, ele pensou: “Quando acordar, eu deverei lembrar qual o caminho para Varsóvia e qual o que leva de volta para Chelm”. Após ponderar por um momento, tirou suas botas e colocou-as ao seu lado com as biqueiras apontando para Varsóvia e os calcanhares virados para Chelm. E logo caiu no sono e sonhou que estava assando cebolas com sementes de papoula. Para os compradores que se aproximavam e queriam comprar as cebolas ele dizia: “Essas cebolas não estão à venda”.

— Então porque você as está assando?

— Elas são para minha esposa, meus filhos e para mim.

Mais tarde ele sonhou que era o rei de Chelm e que uma vez por ano, em vez de impostos, cada cidadão trazia para ele um pote de geléia de morangos.

No sonho, Shlemiel estava sentado em um trono dourado e ao seu lado estava sentada a sra. Shlemiel, a rainha, e seus filhos, os príncipes e as princesas.

Todos estavam comendo cebolas às colheradas com grandes porções de geléia de morangos. Uma carruagem apareceu e levou a família real para Varsóvia, América e para o Rio Sabation, que espirra pedras durante a semana e descansa no sábado.

Próximo à estrada, a pouca distância de onde Shlemiel está dormindo, havia uma ferraria. O ferreiro apareceu justo a tempo de ver Shlemiel cuidadosamente colocando suas botas a seu lado, com as ponteiros em direção de Varsóvia. O ferreiro era um brincalhão e, tão logo Shlemiel adormeceu, ele passou por cima e girou as botas em outra direção.

Quando Shlemiel acordou, sentiu-se descansado, mas com fome. Ele pegou uma fatia de broa, esfregou nela o alho e deu umas mordidas na cebola. Depois, colocou suas botas e continuou o seu caminho.

Ele caminhava e tudo lhe parecia estranhamente familiar. Reconheceu as casas que havia vista antes, e teve a impressão que conhecia as pessoas que encontrava.

Poderia ser que ele tivesse chegado à outra cidade? – Shlemiel pensou. E por que era tão parecida com Chelm?

Ele parou um passante e perguntou o nome da cidade. “Chelm”, o homem respondeu. Shlemiel estava atônito. Como isso era possível? Ele havia caminhado para fora de Chelm. Como poderia ter voltado para lá? Ele começou a esfregar sua frente e logo encontrou a resposta para o seu enigma. Havia duas Chelms e ele havia chegado na segunda! Mesmo que parecesse intrigante que as ruas, as casas, as pessoas fossem tão parecidas com a Chelm que ele havia deixado para trás.

Shlemiel estava intrigado por esse fato, até que, de repente, lembrou-se de algo que havia aprendido no *cheder*. “A terra é igual em qualquer lugar”. Assim sendo, por que não pode ser a segunda Chelm exatamente igual à primeira? Esta descoberta deu a Shlemiel grande satisfação. Ele se perguntava se haveria ali uma rua e uma casa igual aquela em que ele vivia. E realmente, ele logo chegou a uma rua e uma casa idêntica. A noite já havia chegado. Ele abriu a porta e para o seu assombro ele viu a segunda sra. Shlemiel com crianças justo iguais às dele.

Tudo era exatamente o mesmo que em sua própria casa. Até o gato parecia o mesmo. A sra. Shlemiel logo começou a ralar com ele.

— Shlemiel, onde você foi? Você deixou a casa sozinha. E o que é que você leva nesta trouxa?

As crianças correram para ele e gritavam: “Papai, onde você esteve?”

Shlemiel parou um momento e disse então: Sra. Shlemiel, eu não sou seu marido. Crianças, eu não sou seu pai”.

— Você ficou louco? Gritou a sra. Shlemiel.

— Eu sou Shlemiel de Chelm Um, e esta é a Chelm Dois”.

A sra. Shlemiel bateu as mãos tão fortemente que as galinhas que estavam dormindo debaixo do forno acordaram assustadas e voaram pelo cômodo.

“Crianças, seu pai ficou louco”, ela falou. E imediatamente mandou um dos meninos chamar Gimpel, o curandeiro. Todos os vizinhos vieram. Shlemiel estava parado no meio da sala e proclamou: “É verdade, todos parecem iguais às pessoas em minha cidade, mas vocês não são os mesmos. Eu vim da Chelm Um e vocês vivem na Chelm Dois”.

“Shlemiel, o que está acontecendo com você? Alguns gritaram. “Você está em sua própria casa, com tua própria esposa e filhos, seus vizinhos e amigos”.

“Não, vocês não entendem. Eu vim da Chelm Um. Eu estava indo para Varsóvia, e entre Chelm Um e Varsóvia há uma Chelm Dois. E é aqui onde eu estou agora”.

O que você está dizendo? Nós todos te conhecemos e você nos conhece. Não reconhecetes tuas galinhas?

“Não, eu não estou em minha cidade”, insiste Shlemiel. “Mas”, continua ele, “Chelm Dois tem as mesmas pessoas e as mesmas casas que Chelm Um, e é por causa disso que vocês estão enganados. Amanhã eu continuarei para Varsóvia”.

“Se é assim, onde está meu marido?”, perguntou enfurecida a sra. Shlemiel, e ela continuou a destratar Shlemiel com todas as maldições que conseguiu lembrar.

— Como eu posso saber onde está o seu marido? Shlemiel retrucou.

Alguns dos vizinhos não conseguiram deixar de rir; outros ficaram com pena da família. Gimpel o curandeiro, anunciou que não conhecia nenhum remédio para aquela doença. Após algum tempo, todos foram para casa.

A sra. Shlemiel cozinhou macarrão e ervilhas naquela noite, um prato que Shlemiel gostava especialmente. Ela disse a ele: “Você pode estar variando, mas mesmo um louco tem que comer”.

— Por que você teria que dar de comer a um estranho? Shlemiel perguntou.

— Na verdade, um boi como você devia comer capim, não macarrão e ervilhas. Sente e fique quieto. Talvez um pouco de comida e descanso traga de volta teu juízo.

— Sra. Shlemiel, você é uma boa mulher. Minha mulher não alimentaria um estranho. Parece que há pequenas diferenças entre as duas Chelms.

O macarrão e as ervilhas estavam tão cheirosos que Shlemiel não precisou ser persuadido. Ele sentou e enquanto comia falava com as crianças.

— Queridas crianças, eu vivo numa casa que parece exatamente como esta. Eu tenho uma esposa igual à sua mãe como duas ervilhas parecem uma com a outra. Meus filhos parecem vocês como duas gotas de água parecem uma com a outra.

As crianças mais novas riram; o mais velho começou a chorar.

A sra. Shlemiel disse: “Ser um Shlemiel não é suficiente. Ele tem que enlouquecer ainda por cima. O que farei agora? Não poderei deixar as crianças com ele quando eu for ao mercado. Quem sabe o que um louco pode fazer?” Ela segurou sua cabeça com as duas mãos e gritou: “Deus do céu, o que eu fiz para merecer isto?”

Entretanto, ela arrumou uma cama limpa para Shlemiel; mesmo tendo ele tirado uma soneca durante o dia, perto da funilaria, no momento que sua cabeça tocou o travesseiro ele caiu logo no sono e começou a roncar alto.

Novamente ele sonhou que era o rei de Chelm e que sua esposa, a rainha, fritou para ele uma panela cheia de *blintzes*³. Algumas era recheadas com queijo, outras com amoras ou cerejas, todas cobertas com açúcar e canela e mergulhadas na nata.

Shlemiel comeu vinte *blintzes* todos de uma vez, e escondeu as restantes debaixo da coroa, para mais tarde.

Pela manhã, quando Shlemiel acordou, a casa estava cheia de vizinhos. A sra. Shlemiel estava parada no meio deles, os olhos vermelhos de tanto chorar. Shlemiel estava para reclamar por sua mulher permitir tantos estranhos dentro da casa, mas então se lembrou que ele próprio era um estranho ali. Em sua casa, ele teria se levantado, se lavado e se vestido. Agora, na frente de todas essas pessoas, ele estava perdido sobre o que fazer. Como sempre, quando estava embaraçado, começou a coçar a cabeça e cofiar sua barba. Finalmente, superando seu embaraço, decidiu levantar-se da cama. Jogou as cobertas para o lado e colocou os pés fora da cama.

— Não deixem que ele fuja — gritou a sra. Shlemiel. “Ele vai desaparecer e eu serei uma esposa abandonada, sem um Shlemiel”.

Nesse ponto das coisas, Baruch, o padeiro, interrompeu: “Vamos levá-lo para o Conselho dos Idosos. Eles saberão o que fazer”.

— Está certo! Vamos levá-lo para o Conselho — concordaram todos.

Apesar de Shlemiel insistir que, desde que ele vivia na Chelm Um, o conselho local não teria poder sobre ele, diversos dos jovens fortes ajudaram-no a colocar suas calças, suas botas, seu casaco e capote e o conduziram até a casa de Gronam Ox. Os idosos do Conselho, que haviam ouvido falar do problema, acordaram cedo aquela manhã, para considerar o que deveria ser feito.

Quando a multidão entrou, um dos idosos, Dopey Lekish, estava dizendo: “Talvez haja realmente duas Chelms”.

— Se há duas, talvez haja três, ou quatro, ou mesmo cem Chelm? Interferiu Sender Donkey.

— E mesmo que haja cem Chelms, tem que haver um Shlemiel em cada uma delas? Arguiu Shmendrick Numskull.

Gronam Ox, o chefe dos idosos, ouviu todos os argumentos, mas ainda não estava preparado para expressar sua opinião. Entretanto, o franzir de sua testa indicava que ele estava pensando profundamente. Foi Gronam Ox quem questionou Shlemiel.

Shlemiel relatou tudo o que acontecera a ele, e quando terminou, Gronam perguntou:

— Você me reconhece?

— Claro. Você é o sábio Gronam Ox.

— E em tua Chelm existe também um Gronam Ox?

— Sim, tem um Gronam Ox e ele parece exatamente igual a você.

— Não é possível que você tenha se virado e voltado para Chelm? Inquiriu Gronam.

— Por que eu teria voltado? Eu não sou um moinho de vento. Retrucou Shlemiel.

— Nesse caso, você não é o marido da sra. Shlemiel.

— Não, eu não sou.

— Então o marido da sra. Shlemiel, o Shlemiel real, deve ter partido no dia que você chegou.

— Poderia ser isso.

— Então ele provavelmente voltará.

— Provavelmente.

— Neste caso, você deverá esperar até que ele volte. Daí saberemos quem é quem.

— Caros senhores do Conselho, o meu Shlemiel já voltou — gritou a sra. Shlemiel. “Eu não preciso de dois Shlemiels. Um já é mais do que suficiente”.

— Seja ele quem for, não deverá morar em sua casa até que tudo se esclareça, Gronam insistiu.

— Onde irei morar? Perguntou Shlemiel.

— Na casa dos indigentes.

— O que farei na casa dos indigentes?

— O que você faz em casa?

— Bom Deus, quem ficará com minhas crianças quando eu for para o mercado? Gemeu a sra. Shlemiel. “Além disso, eu quero um marido. Até um Shlemiel é melhor do que nenhum marido”.

— Somos culpados porque teu marido te deixou e foi para Varsóvia? Indagou Gronam. “Espere até que ele volte para casa”.

— A sra. Shlemiel chorava amargamente e as crianças choravam também

Shlemiel disse: “Que estranho. Minha própria esposa sempre me recriminava. Meus filhos me respondiam. E aqui uma mulher estranha e crianças estranhas querem que eu more com eles. Parece-me que em Chelm Dois é realmente melhor que em Chelm Um”.

— Um momento, eu acho que tenho uma ideia — interrompeu Gronam.

— Qual é a tua ideia? Quis saber Zeinvel Ninny.

— Uma vez que decidimos mandar Shlemiel para a casa dos indigentes, a cidade terá que pagar alguém para cuidar das crianças da sra. Shlemiel para ela poder ir ao mercado. Então, por que não contratar Shlemiel para isso? E verdade, ele não é o marido da sra. Shlemiel ou o pai das crianças. Mas ele é tão parecido com o Shlemiel real que as crianças vão sentir-se em casa com ele.

— Que ideia maravilhosa! Exclamou Fewel Thickwit. “Somente o Rei Salomão poderia pensar numa solução tão sábia! Concordou Treitl Nitwit.

— Uma saída tão sábia deste dilema só poderia ter sido pensada em nossa Chelm, acrescentou o Shmendrick Mumskull.

— Quanto você quer para ser pago para cuidar dos filhos da sra. Shlemiel? Perguntou Gronam.

Por um momento Shlemiel pareceu completamente perdido.

— Então ele disse: “Três *groshn*⁴ por dia”.

— Idiota, cretino, asno!, Gritou a sra. Shlemiel. “O que são três *groshn* hoje em dia?”

Os Idosos do Conselho se consultaram entre si. O orçamento da cidade era muito limitado. Finalmente Gronam anunciou: “Três *groshn* podem ser muito pouco, mas seis *groshn* por dia é, definitivamente, muito, especialmente para um estrangeiro. Nós nos comprometemos a pagar a você cinco *groshn* por dia. Shlemiel, você aceita?”

— Sim, mas por quanto tempo devo fazer esse trabalho?

— Até que o verdadeiro Shlemiel volte para casa”.

A decisão de Gronam foi logo conhecida por toda Chelm e a cidade se admirou por sua grande sabedoria e também a do Conselho dos Idosos de Chelm.

No início, Shlemiel tentou ficar para ele mesmo com os cinco *groshn* que a cidade lhe pagava. “Se eu não sou seu marido, eu não tenho que sustentá-la”, disse ele para a sra. Shlemiel.

— Nesse caso, já que não sou sua esposa, não preciso cozinhar para você, nem lavar suas meias ou suas roupas.

Assim, claro, Shlemiel passou a dar seu dinheiro a ela. Foi a primeira vez que a sra. Shlemiel teve, realmente, algum dinheiro de Shlemiel, para sustentar a casa.

Agora, quando ela estava disposta, ela costumava dizer para ele: “Que pena que você não decidiu ir para Varsóvia dez anos atrás”.

— Você não sente saudades de seu marido? Shlemiel questionava.

— E o que se passa com você? Você tem saudades de sua mulher? Perguntava a sra. Shlemiel.

E ambos admitiam estar bem felizes com as coisas como estavam.

Os anos passaram e nenhum Shlemiel voltou para Chelm. O Conselho dos Idosos tinha muitas explicações para isto. Zeivel Ninny acreditava que Shlemiel atravessou as negras montanhas e foi comido vivo pelos canibais que viviam lá. Dopey Lekisch pensava que Shlemiel muito provavelmente chegou ao Castelo de Asmodeus, onde ele foi forçado a casar com alguma princesa demoníaca. Shmendrick Numskull chegou à conclusão que Shlemiel alcançou o fim do mundo e caiu de lá.

Havia muitas outras teorias. Por exemplo, que o verdadeiro Shlemiel perdeu a memória e simplesmente esqueceu que ele era Shlemiel. Essas coisas acontecem, afinal.

Gronam não gostava de impor suas teorias para outras pessoas; entretanto, ele estava convencido de que Shlemiel foi para a outra Chelm, onde ele teve exatamente a mesma experiência que o Shlemiel desta Chelm. Ele foi contratado pela outra comunidade local e estava cuidando dos filhos da outra sra. Shlemiel, por um salário de cinco *groshn* por dia.

E Shlemiel, ele próprio, já não sabia mais o que pensar, além de que as crianças estavam crescendo e logo iriam tomar conta delas mesmas.

Mas algumas vezes Shlemiel sentava e ficava pensando. “Onde estará o outro Shlemiel? Quando chegará? O que estará fazendo minha verdadeira esposa? Estará ela esperando por mim, ou ela vive com o outro Shlemiel?” Estas eram questões que ele não conseguia responder.

Agora como antes, Shlemiel tinha o desejo de viajar, mas ele sabia que não podia recomeçar com isso. E afinal, qual a necessidade de fazer uma viagem que não leva a lugar nenhum?

Frequentemente, quando sentado sozinho, pensando nos estranhos caminhos desse mundo, ele ficava mais e mais confuso e murmurava para si mesmo:

— Aqueles que deixam Chelm, terminam em Chelm. Os que ficam em Chelm, estão certamente em Chelm. Todos os caminhos levam a Chelm.

E o mundo inteiro é uma grande Chelm.

Fim.

Notas:

1. Shlemiel — Nome próprio do principal personagem do conto, que o autor adotou talvez vindo da palavra em iídiche *shlemazl*, que significa azarado, desajeitado.
2. Cheder — Escola básica judaica na Europa antes da Segunda Guerra Mundial, onde as crianças eram alfabetizadas e aprendiam as orações e as primeiras noções do judaísmo e conhecimentos gerais.
3. Blintzes — Plural de *blintz*, espécie de panqueca assada com diversos recheios, iguaria judaica na Velha Europa.
4. Groshn — Termo em iídiche para Groszy, uma espécie de centavo que representa a centésima parte do Żloty, a moeda polonesa até hoje.